



Off. Comercio

Antero Pacheco da Silva Moreira

Comendador do C. P. do Santo Sepulcro, Socio do Instituto Historico do Minho  
e do Instituto Araldico Romano e conhecido e apreciado escritor católico

Braga, 27 de Outubro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 344 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.<sup>da</sup>

# Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano . . . . .	60\$00
Semestre . . . . .	30\$00
Trimestre . . . . .	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano . . . . .	80\$00
Semestre . . . . .	40\$00
Trimestre . . . . .	20\$00
Numero avulso . . . . .	1\$50

Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á  
Administração da **ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA** — BRAGA

Telefone, 212

## CONVIDAM-SE OS CATOLICOS . . .

que pretendam comprar *artigos religiosos*, a visitarem a

## CASA DE S. JOSÉ

168, Rua das Flores, 170 — PORTO

para apreciarem o seu sortido completo em *terços, medalhas, estampas, crucifixos, livros de missa, etc.*, e avaliarem os seus preços de *revenda e propaganda*.

Vendas por junto, de Diplomas das Filhas de Maria, Oleografias de todos os tamanhos, Redomas, Crucifixos do Perdão, patentes e medalhas do Apostolado da Oração, etc. etc.

### ATENÇÃO

Em troca da seguinte senha brinde terão os nossos clientes um desconto de 10 % em toda e qualquer compra efectuada a dinheiro em nossa casa, desconto este que será convertido em quaisquer artigos religiosos à sua escolha!

Senha-brinde DA \_\_\_\_\_  
Casa S. José  
FUNDADA EM 1896  
168, R. das Flores, 170 — PORTO  
Esc. ....  
Data: .....

Escreva um postal à Casa de S. José,  
preguntando preços e instruções.

## LIMA, FILHÃO & C.ª L.ª DA

Grandes Armazens da Caixa de Credito Bracarense

Rua 5 de Outubro, 48 a 56 — Telefone 31 (1.º andar)

**BRAGA**

Operações de Crédito — Compra e venda de todos os artigos — Ourivesaria e Relojoaria. Deposito de Máquinas de costura. Fazendas de lã e algodão, fato feito etc. Especialidade em CAPAS ALENTEJANAS



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

188

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

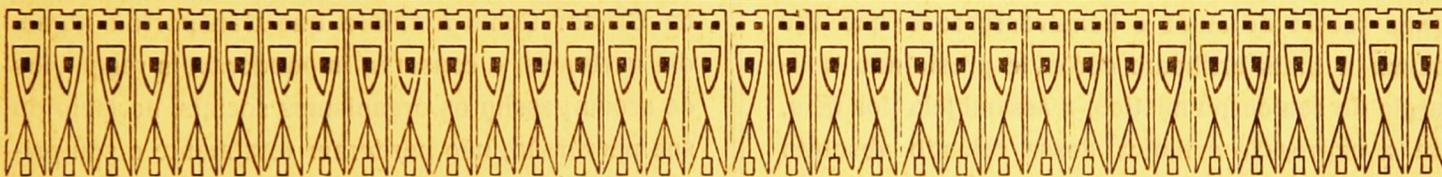
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 27 de Outubro de 1928

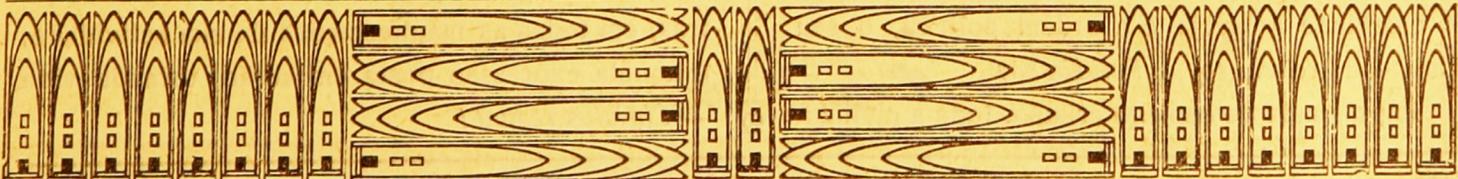
Composta e impressa na Tip. da «PAX»  
BRAGA

Anno VII — N.º 344



BRAGA — Arco da chamada Porta Nova. — E' a entrada da cidade para quem vem da estação do Caminho de ferro. — E' obra do Arcebispo D. Diogo de Souza

(Foto-Chic de Alberto Marques)



# Cronica da Semana

Christus regnat!

No centro da grande praça que, rodeada de graciosa colunata, precede o assombroso templo do Vaticano ergue-se um magestoso obelisco, testemunho de vetusta civilização egípcia. Nele devoto cinzel insculpiu estas palavras: *Christus regnat!*

A historia da Idade Media, essa quadra ainda tão mal conhecida da vida da humanidade, resume-se nessas duas palavras: *Christus regnat!* E' que a civilização medieval, gerada no seio da Igreja, foi um tender para Cristo, foi o reconhecimento do seu dominio sobre as sociedades.

A magestosa imagem do Cristo Pantocrator, dominando, ao fundo das absides romanicas, a longa teoria de anjos e bemaventurados que lhe faziam a mais brilhante corôa, e presidindo a liturgia do seu corpo místico, a assembleia dos fiéis, era a expressão artistica desse reinado absoluto que o povo redimido attribuia a Cristo redentor.

Mil expressões tinha a piedade cristã para proclamar esta realeza de Jesus: a festa da Epifania, que foi a primitiva festa do Natal, traduz claramente esta ideia da realeza de Cristo, tão familiar ao povo cristão. A liturgia conserva um monumento desta ideia, na antifona que se intercala no salmo de um de seus nocturnos o *Venite, Exullemus*, que nos outros dias do ano serve de invitatorio, tomado desta festividade, donde é originario. Daqui procedeu o que a festa da Epifania fosse considerada como uma consagração a Cristo, o reconhecimento social da sua soberania. Os reis — ainda o de Espanha o pratica — iam junto do altar num tributo de vassalagem. *Christus regnat!*

Os documentos forenses eram encimados pela sigla XP entrelaçadas, as insignias gregas do nome de Cristo, que era assim o timbre oficial de toda a vida da sociedade.

*Christus regnat!* Proclamava-o toda a ordem politica: instituições, moedas que ostentavam a Cruz, esta dominando as coroas dos reis, esmalhando os brazões dos estados, tremulando nas bandeiras das nações. Tal foi o aspecto medieval da civilização, que o *Pentecostarion* grego podia, em paralelo, apresentar a Jesus Cristo, no mesmo pé de igualdade a Igreja e a ordem politica, o seu reino, — e *Ecclesia soy, e Politeia soy*.

Impregnada de espirito cristão, toda a civiliza-

ção medieval traduz o reconhecimento da realeza de Cristo; compreende-se, somente, como tendo-a realizado. A civilização medieval, no seu espirito, nas suas formulas, nos seus conceitos é o reino de Cristo surgindo na terra.

A apostasia moderna não pôde destruir, totalmente, esse aspecto cristão. Perdeu-se, por muitos logares, o espirito; ficaram, porem, os símbolos, testemunhando a origem cristã das nossas instituições sociais e politicas, das nações e dos Estados. Os costumes tem caído em novo paganismo, e todavia ha um conceito de moral publica que é um reconhecimento, remoto, subconsciente, da realeza de Cristo. Como a anfora que transportou algum dia perfumes, e conserva imponderaveis resquícios de aroma, assim os organismos sociais, no meio da sua perversão, não perderam totalmente o seu primitivo aspecto cristão.

Vai esmorecida a devoção social. Cristo a quem pertence a terra e a sua plenitude, Cristo que reinou e se revestiu de esplendor, Cristo que pediu ao Pai e recebeu as nações por herança, Cristo, de facto, não reina nas sociedades, reveis ao seu dominio.

E, todavia, é preciso que Ele reine.

Para apressar o seu reinado efectivo, reinado de amor, de suavidade e de paz, para fazer descer á terra o reino de Deus, determinaram os Venerandos Bispos de Portugal que amanhã, 28 de Outubro, Portugal inteiro, todas as dioceses, todas as paróquias, todas as associações se prostrem aos pés de Jesus em fervoroso acto de consagração.

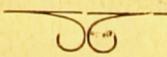
Nas neves polares, este ano, cravou o general Nobile, enviado do Papa, uma Cruz «sinal de Jesus Cristo Rei» que o Seu Vigario enviava «para consagrar o vertice do orbe da terra».

No centro geografico da Espanha, a estatua do Coração de Jesus tem esta significativa inscrição: «Reino em Espanha».

Mas se a Espanha é reino de Cristo, Portugal é todo ele um trono, um perpetuo trono eucarístico. Resta que, realizando os votos amanhã formulados, possamos em breve ver que Portugal, em costumes, leis, organização social, artes, sciencias, letras, em todas as manifestações da sua actividade, é aquela expressão posta em acção, tornada vida — *Christus regnat!*

# A' TARDE DA VITÓRIA

## Sôbre a morte de Santa Terêsa do Menino Jesus



O' Guerreira de Cristo, enfim, repousa...  
Podes dormir... Venceste! Foste forte!  
Dorme na Cruz, teu tálamo de esposa,  
Dorme o sono da morte!...  
Combateste por Deus, teu curso consumaste,  
Tua fé conservaste:  
E recebes agora a corôa de glória,  
Do Senhor, Justo Juiz, em prémio da vitória.

Combateste na vida,  
Os prélios do Senhor;  
Guerreira destemida  
Foste arauto do Amor.  
Clamaste a toda a terra:  
«Sois filhos! Deus é Pai!  
No amor tudo se encerra  
Amai a Deus, amai!»

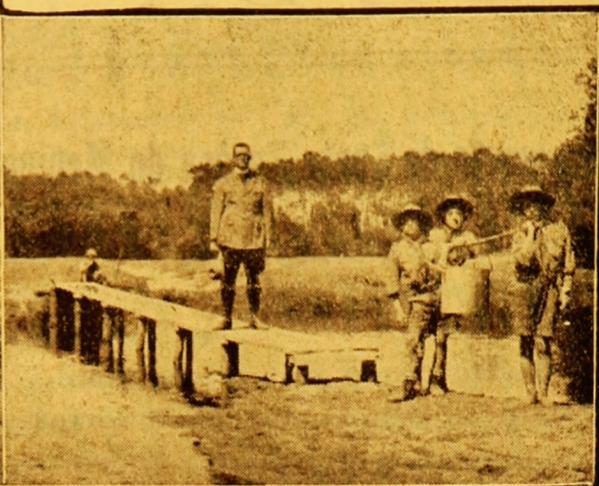
E tua voz ecoou por toda a Igreja,  
Convidando à peleja,  
E electrizou legiões, como a de um general.  
Não há quem não convenças...  
E o eco dá tua voz nos séculos por vir  
Há-de repercutir  
Como pelas abóbadas imensas,  
Intérminas de um templo colossal.

O amor foi tua vida, o amor foi tua morte,  
Eternamente o amor será tua missão;  
Clamarás do Céu a cada geração;  
O amor é tudo, o amor é vosso unico norte!...  
E todos, todos te amarão...

C. D.



# O 2.º ACAMPAMENTO :: :: DOS SCOUTS PORTU- GUEZES EM -: CACIA :-



(1) — Ao fazer desta...

(2) — O dr. Avelino Gonçalves na... sua ponte

Realizou-se ultima-  
mente em Cacia  
(Aveiro), com grande  
brilho, o 2.º acampa-  
mento dos scouts por-

uguezes. Foi um acontecimento notavel na vida activa dos nossos scouts.

O acampamento, chamou ao local, um concurso imenso de rapazes de varios pontos do paiz, sob o comando dos seus chefes, e estes tiveram igualmente a comanda-los o brioso capitão Graciliano Marques, que é o comandante geral de lobitos e chefes de campo.

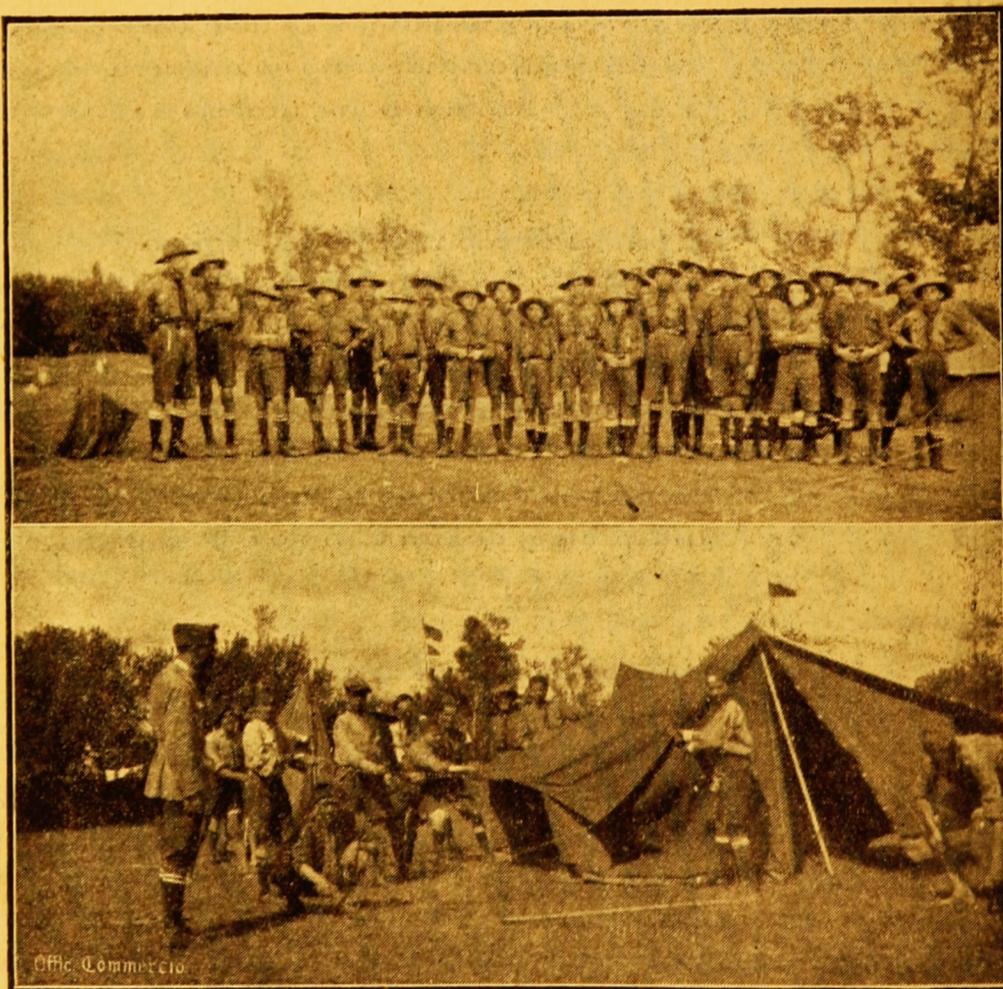
O acampamento deu eco no paiz. Ali foram muitas familias visitar os briosos rapazes e oferecer-lhes generosas e espontaneas provas de simpatia.

Tambem ali esteve Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz, que é o Director Geral do Corpo de Scouts Portuguezes.

O acampamento, mostrou á evidencia dos factos a dedicação e o amor dos nossos rapazes pelo progresso moral e material da sua obra.

Muito bem.

E bem hajam os nossos scouts.



(1) — Delegação de Vizeu. (2) — Braga prepara o seu campo



## O Outono

DESDE que o outono amanhece sobre os campos no seu lusco-fusco de saudades diluidas, nevoas das madrugadas, enevoadado azul dos crepúsculos, dir-se-ia que sob os seus finos e longos dedos a paisagem se sente morrer de asfixias.

Falta o ar às coisas. Pálido e esmorecido o sol não tem quentura, morbido e quebrado como um sorriso amarelo de doença, anda nos ares um triste ar de cuidado, de espasmo, de vaga tristeza religiosa, de agonias. Secar e morrer disse-nos a natureza ao ouvido. E nós maravilhamo-nos do ar de santidade com que as coisas morrem. Nesse drama de pequeninos seres eternamente mortos não há uma crispação, um grito, um desespero. Tudo é suave, recolhido, doce.

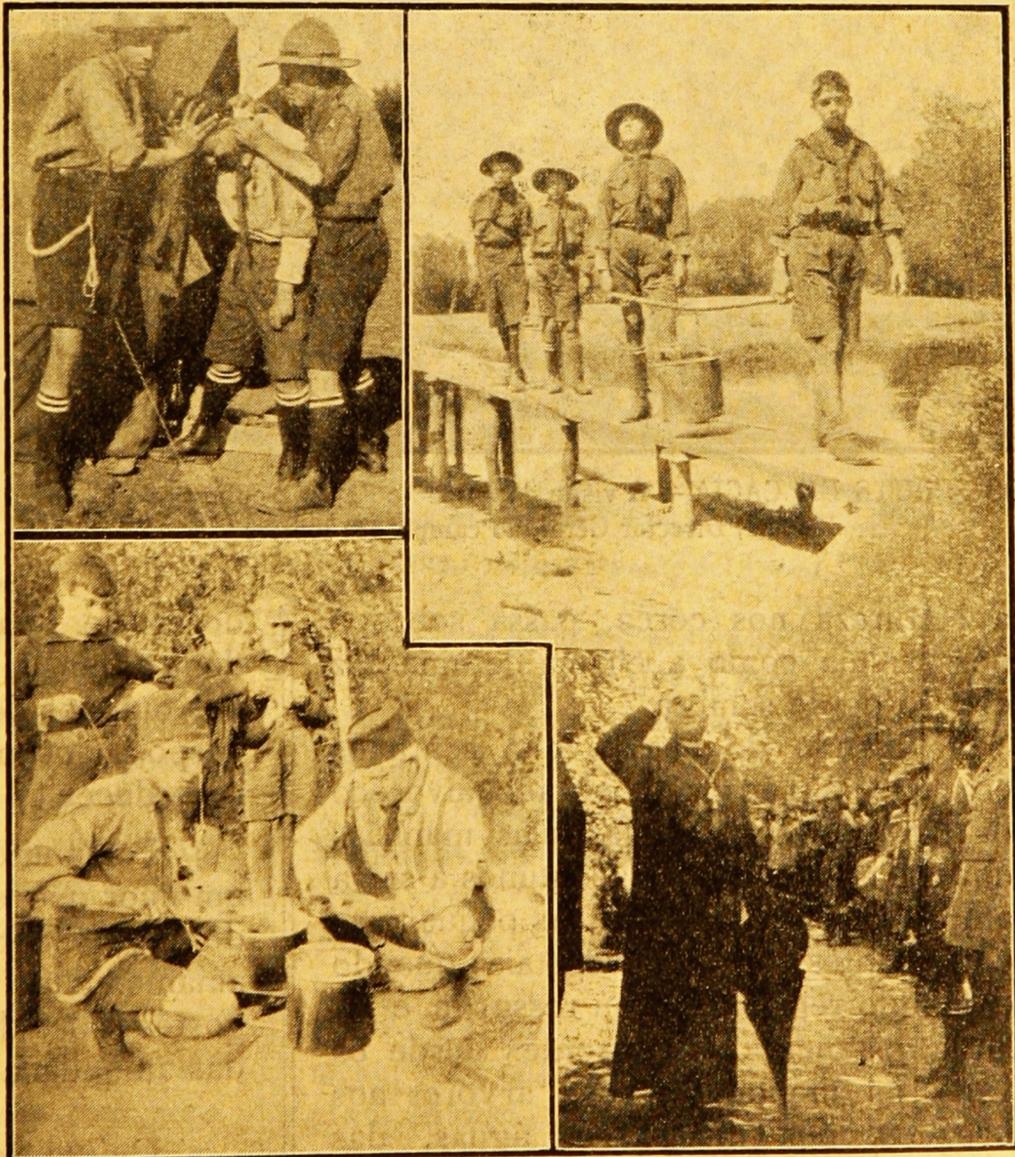
Corre baixinho o queixume dos rios; baixinho passa o murmúrio íntimo das fontes.

Folhas secas, folhas de ouro andam no ar e cicia como as resas dos nossos lábios em momentos de aflitivo desgosto; o vento que as arranca, vento mau, vento que mata de levesinho e com carícia numa ilusão de beijos os mil sonhos de verdura em que a terra reverdece.

O azul desigual do céu português, diafano e brando como os de

*Lucca della Robia* escurece-se nestes dias. Uma poeira de luz lhe turva a vista e para o concavo remanso do seu seio trepa pelos montes a verdura forte dos pinheirais que são os sempre verdes e cuja mocidade perpetua parece não entender o triste expirar dos vales, onde a terra porque mais batalhou, mais cedo envelheceu.

Nós amamos sempre muito os pálidos outonos. Já em crianças, quando a nossa alma liberta e desajudada do pensamento começava a ter a vaga in-



OS SCOUTS EM CACIA — (1) — Um curativo. (2) — Aguadeiros  
(3) — Cosinha dos lobitos de Braga. (4) — O Senhor Arcebispo de Braga,  
Director Geral, falando aos scouts em parada, na Avenida D. José de Lencastre

decisa e sentimental percepção das coisas que a rodeavam, nós namorávamos com os olhos apaixonados a face macerada e lírica das paisagens outonais.

Como nós nos sentíamos diluir, perder, integrar então no conjunto dorido dessa suave, indefinida e mansíssima magua dos seres a que nunca Deus deu uma voz para falar e contar-nos o poema das suas dores ocultas!

Nunca compreendemos a Primavera. Sua luz rutila e excessiva, sua impetuosidade hilare de côres e de seivas, todo o estridente triunfo com que

fo, à paixão e à febre de vencer e de criar — nós sentimo-nos sós, mais do que sempre na apagada penumbra de almas que envolve o nosso viver.

Não amamos a Primavera porque nunca ouvimos serenamente esse grito ainda mesmo que ele seja de alegria.

Amamos e queremos ao outono pela tendencia natural dos tristes para a tristeza, pela atracção das afinidades, pelo que dele próprio existe na nossa alma, pelo que da nossa alma nós vemos retratado nele.

Amamos no tempo e na terra o Outono, como nas mulheres amamos os olhos tristes, nas almas, as almas que sofrem, nas côres o roxo, nas flores as violetas, nos dias os crepusculos, na vida dos homens os momentos em que essas vidas choram, como amamos o fumo, a sombra, a névoa.

Outono, hora bendita em que a terra sofre! Indeciso e compungido Outono, nós amamos-te!

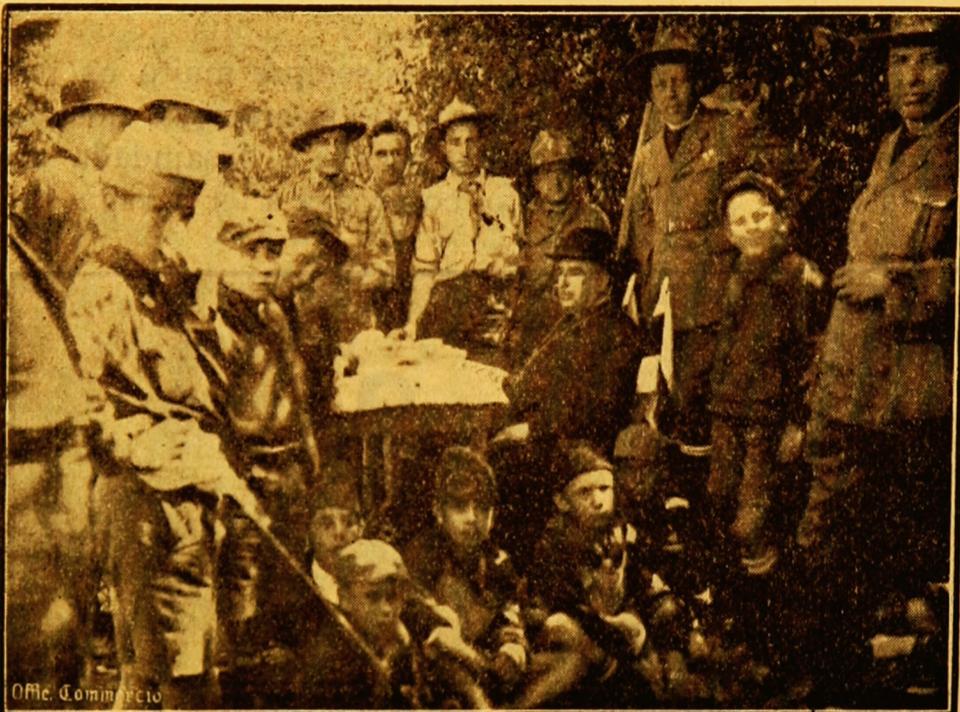
Secar é morrer, disse-nos a natureza ao ouvido. Sol que revigorou é agora sol que emurchesse. E quem não terá numa vida após primaveras rutilas de anceios, de energias, de sonhos, após estios crea-

dores de apaixonada febre sentindo dentro em si bater esta hora triste dos outonos de alma em que a alma se despoja dos mil sonhos verdes em que reverdeceu!

Por muito absorver e beber como um licor que embriaga o encanto triste de certos outonos sem fim, nós vos amamos tanto à palida estação dos desgostos e das desilusões: estação das vidas aniquiladas!

Quinta das Rosas,  
Belinho

CLAUDIO E ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA GUIMARÃES



OS SCOUTS EM CACIA — A visita do Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor Arcebispo Primaz, Director Geral, ao campo dos lobitos

a Natureza nos cerca, passa sobre a nossa alma como a chama de uma luz que só deixe sombra.

Quando de nossa volta sentimos erguer-se a Terra, no vibrado alvoroço da gloriosa ascensão das suas manhãs; quando à roda de nós sentimos a seiva atordoante das mil batalhas pequeninas e triunfantes das vidas vegetais; quando o mundo rejuvenesce ou ressurge e na larga distancia dos horisontes desde os vales às montanhas, das arvores aos bosques, dos musgos às águas, das águas às almas, se espalha o forte, fecundo e vehemente grito d'alerta que tudo acorda e chama ao riso, ao triun-

# ASTUCIA CHINEZA

FURTAR ao mesmo ladrão e fazer com que ele reponha fielmente o que tinha levado com mão enganosa, tem tanta graça que move a desejos de premiar-se. Neste genero não ha melhor inventada subtiliza, que a que refere um nosso historiador grave, falando do grande engenho, de que a natureza dotou os Chinas. Foi o caso que, na China veio certo ministro real por visitador d'uma cidade: pelo qual officio lhe ganhou tal odio o governador dela, que desejava empecer-lhe em quanto podesse, e destruil-o: ainda que os signaes, que desta opposição dava, não eram manifestos; conforme o genio daquela nação, que desejára um comer as entranhas a outro, e comtudo lhe não faltará a um ponto de cortezia, e se assentará por convidado á sua mesa. Correndo pois aquele visitador com as obrigações do seu tribunal, de repente adoeceu, e não despachava, ainda que fosse qualquer papel ordinario.

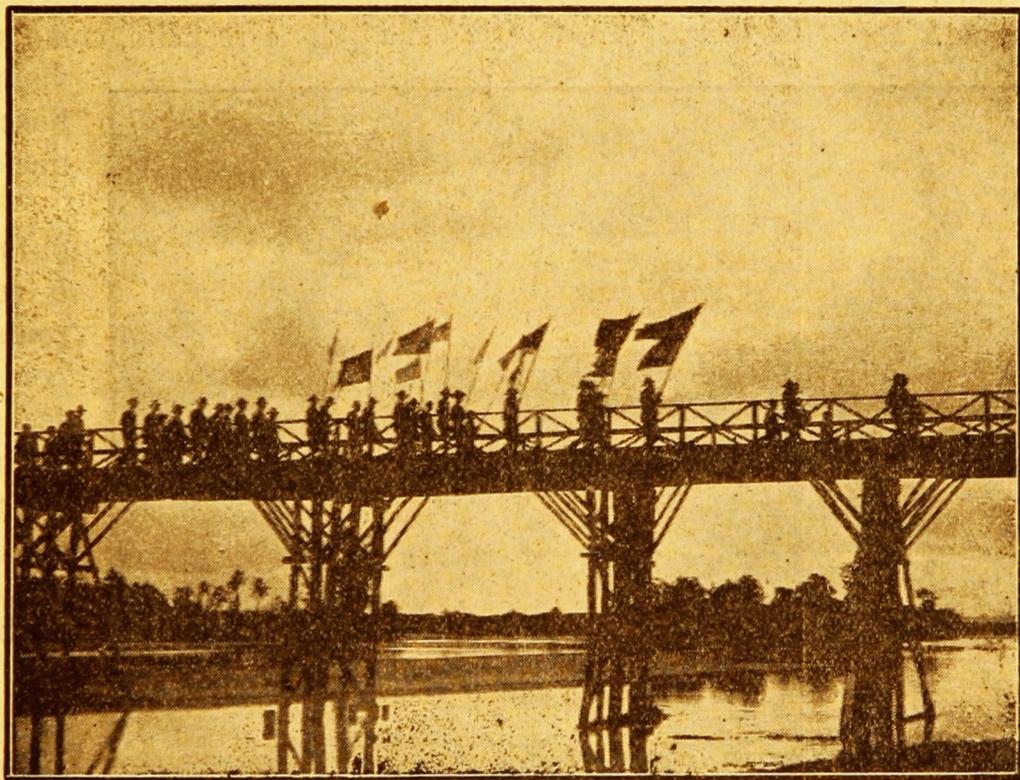
Durando isto tempo consideravel com o detrimento das partes, quiz um seu amigo saber a causa. A este fim procurou visitallo: porém o acesso lhe foi negado, por secreta ordem, que o mesmo ministro tinha dado a seus criados. Com esta repulsa entrou em vehemente suspeita de que a doença era suposta, e daqui inferia que a primeira origem era mais alta, e por ventura sem conselho alheio se faria irremediavel.

Valeu-se pois da importunação, e veiu emfim a entrar; e perguntou-lhe com ingenuidade amigavel a causa de haver cessado de exercer as obrigações ao seu cargo. Alegou logo o outro a desculpa da sua enfermidade. «Eu não vejo, replicou o amigo,

signaes alguns d'isso, pois a mesma vizi-ta me está desenganando: bem vos podeis abrir comigo, que póde ser, vos aconselhe ultimamente.

Deixou-se emfim o ministro sangrar, porque a lanceta do amigo vinha bem apon-tada, e já lhe tinha bem apertada a fita com suas repetidas instancias.

Sabereis, disse, que tinha o selo real num confresinho fechado: e um dia, ao



OS SCOUTS EM CACIA — Sobre a ponte de Angeja

querer usar dele para uma provisão, não o achei dentro, sendo que o cofre fechado estava como dantes, e estou certo que o deixei dentro.

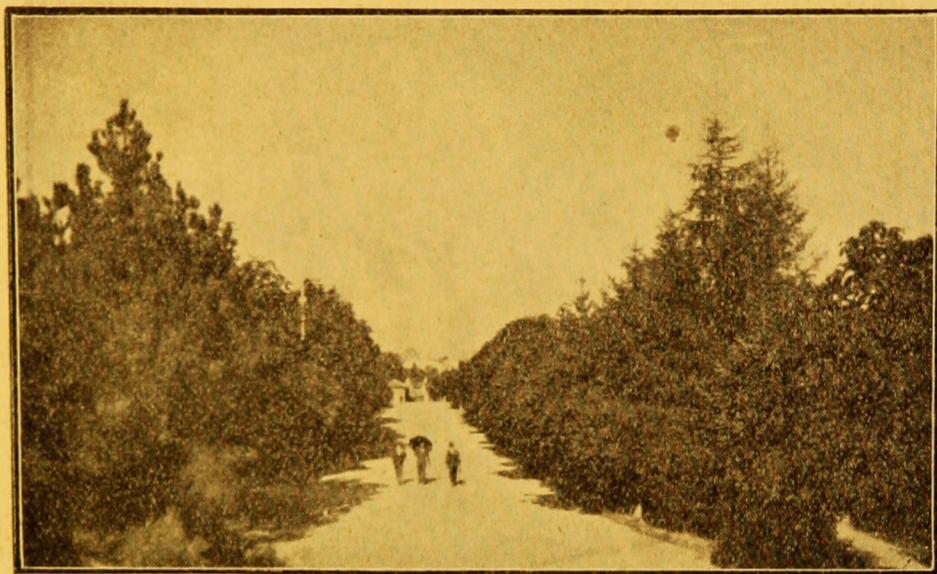
Fiz ocultamente para o achar quantas diligencias me ensinou a importancia do mesmo caso, e a afflicção do meu animo; porém todas até agora foram baldadas. Se isto rompe fóra, bem sabeis que me perco, e toda a minha casa; porque certissimamente (não falando nas mais penas) me depõem do officio, e fico desacreditado, e incapaz de subir aos mais bancos.

N'estes termos me não ocorreu melhor arbitrio, que fingir-me doente, para escusar-me de selar papeis; e negar-me a vistas,

para escusar examinadores da doença. Bem vejo que não é remedio duravel, mas ocupa tempo, que é o inventor de todos.

Admirado ouvia o amigo esta proposta; e depois de considerar um breve espaço na dificuldade dela, sae perguntando: Tendes algum inimigo nesta cidade? Sim tenho, respondeu ele, o governador dela; suposto que não temos chegado a descomposição alguma.

Ora pois, tornou o amigo, sem falta, nem detença alguma, fazei o que vos digo. Mandai recolher a alguma parte mais segura do vosso palacio o mais importante e precioso do vosso fato, e pela outra, que ficar despejada, pegai fogo, como se fora incendio casual.



GUARDA — Entrada para o Sanatorio

(Fot. Amador Alexandre Botelho)

O governador ha de ser dos primeiros que acudam a apagal-o; e senão acudir, ahi tendes com que vos vingar dele, denunciando que faltou a esta sua obrigação.

Tanto que vier, clamai em altas vozes com o cofresinho nas mãos, dizendo-lhe que se entregue do selo real, para o salvar; se ele o não aceita, tendes desculpa notoria, dizendo haver-se queimado, ou perdido por culpa do governador requerido a esse intento.

Se o aceita, quando vos tornar a fazer entrega dele, abri-o diante de testemunhas. E então, ou o selo não vem dentro, ou vem, como entendo que é o mais certo; senão vem o selo dentro, sempre tendes acção publica contra o governador, descarregando sobre ele a culpa, quer ele a tivesse, por

não haver furtado o selo. Mas se o selo vem dentro, tendes arrecadado o furto, e descoberto o ladrão.

Contentou de modo o facil e bem dirigido deste arbitrio que o ministro logo o deu á execução. Atia-se o incendio, rompem fóra imensas linguas de fogo que o publicaram, crescem os clamores de dentro e de fóra, amotina-se a visinhança.

Não tartou o governador, bem alheio de que de sua casa ainda que distante, se havia de alijar a principal peça, em que aquele fogo prendia.

Não pôde excusar-se de depositario do cofre, sem embargo de saber que este o não era do selo; affectando a mesma promptidão e respeito, como se estivesse ali encerrado; visto que não havia logar de buscar chave, e registrar o que recebia.

No seguinte dia, apagado o incendio, vem o cofre com o selo dentro, que ele tinha roubado por interposta pessoa com chave falsa. E cada um fechou debaixo do silencio a malicia do outro, por não descobrir a propria.

Eis aqui em praxe a sentença de Salomão nos proverbios:

*A rectidão dos justos os livrará, e no seu mesmo laço serão colhidos os impios.*

## Perguntas e Respostas

Qual é a cousa que se semeia num lugar e se colhe noutra? O bem que se faz neste mundo, porque não se colhe o fruto senão no outro.

Quando se parece a virtude com a mentira? Quando um velho conta as proezas da sua mocidade, ou quando um pobre se lembra das acções generosas dos seus dias felizes.

Com que se parece um filho degenerado? Com aquele que tem seis dedos, porque, se lhe cortam este dedo de mais, causa-lhe dôr; se lho deixam, fica com um aleijão.

Um mancebo, iducado em completo isolamento, nunca tinha ouvido musica. Uma grande enfermidade lhe fez perder o ouvido, por isso foi levado á cidade a fim de ser curado de sua surdez.

Ainda em começo da cura, foi levado por seu pai a ouvir um concerto.

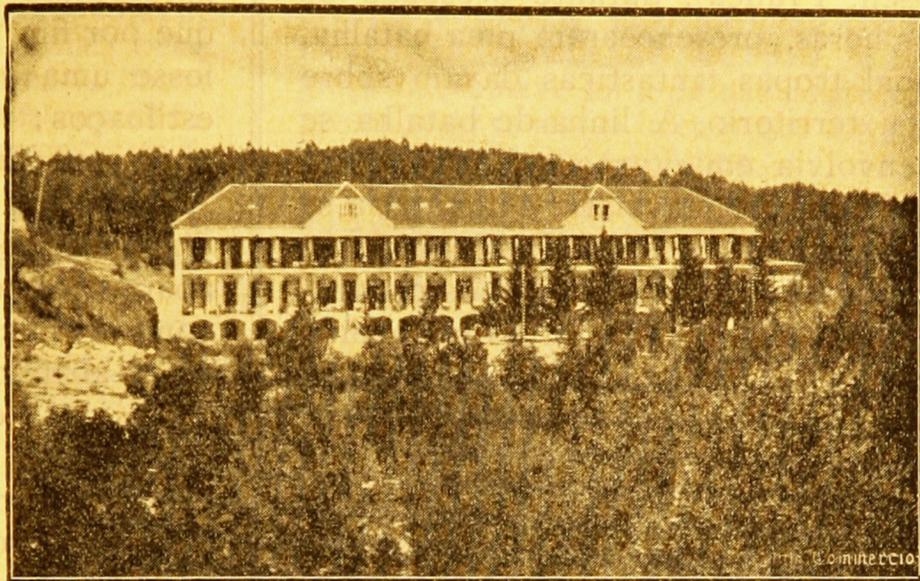
O surdo, vendo os movimentos e gestos dos executantes, desatou a rir; e perguntando o que fazia aquela gente, lhe fizeram comprehender que tocavam uma peça de musica: o surdo dizia a todos que a musica era a cousa mais nescia e mais ridicula do mundo e que não podia comprehender qual o fim a que se propunham, esfregando uns instrumentos contra os outros, assoprando n'uns, batendo n'outros, sem que isso nada produzisse, e concluia o surdo que os musicos eram verdadeiros loucos.

Chegou a curar-se da surdez. Voltou novamente ao concerto; qual não a sua surpresa, quaes não foram os seus transportes! Compreendeu então de tudo quanto lhe tinha parecido absurdo: cada movimento dos dedos, cada sopro produzia os seus efeitos reunidos formavam um conjuncto arrebatador.

Um respeitavel ancião, que ali estava, disse a um seu filho:

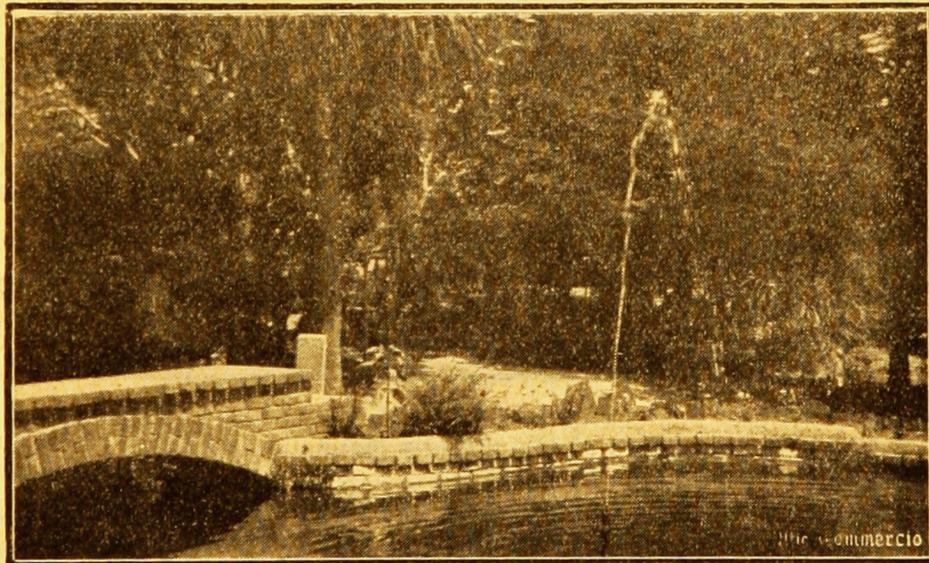
— Nunca te esqueças das palavras de esse joven; e se alguma vez fores tentado a julgar os meios que a Providencia divina emprega, ou a queixar-te do que succede, observa que nós, com respeito ás obras de Deus, estamos no memo caso, em que se acha um surdo, que assiste a um concerto. Considera que, quando se abrirem nossos olhos depois da nossa morte, veremos que reina no mundo uma harmonia mais perfeita, que a do mais harmonioso concerto; e que, se agora o não conhecemos, é porque estamos cegos da mesma fórma que o joven que era surdo.

Este sentimento indissivelmente consolador para a nossa alma é, por assim dizer, — a espiritual essencia dos beneficios rece-



GUARDA — Sanatorio — Pavilhão de 1.<sup>a</sup>, visto de frente

(Foto Amados Alexandre Botelho)



GUARDA — Parque do Sanatorio

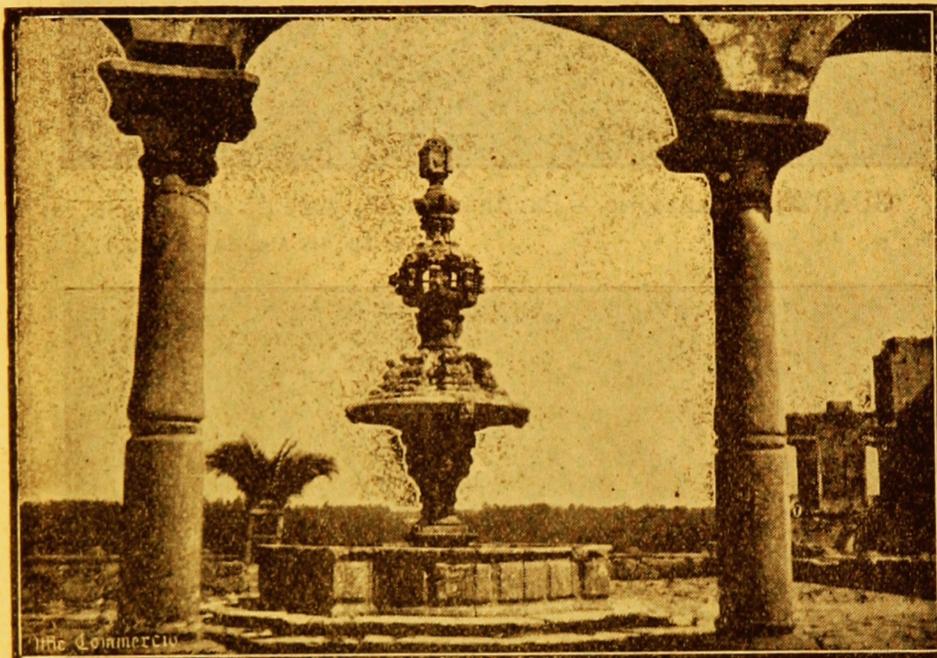
(Foto Amados Alexandre Botelho)

bidos gravando-nos indelevelmente no espirito a sua grata recordação que nos conforta e alenta pela vida fóra perpétuando-nos a memória bendita que sempre docemente nos acompanhará d'aquêles que benévola e carinhosamente, por qualquer forma nos beneficiaram. — E' como o suave arôma da flôr que ainda depois que ela murcha e perece, convertido em preciosa essencia nos perfuma e deliciosamente deleita o olfacto.

*Maria da Conceição Fontes.*

# A nova fada Morgana

No dia 2 de fevereiro de 1871, aconteceu, segundo referiu a «Gazette de Posen», que os habitantes de Golaze, povoação do districto de Péteichan, (Posen, França), durante o espaço de duas horas, presenciaram uma batalha, a qual tropas fantasticas davam sobre o seu territorio. A linha de batalha se desenvolvia em zig-zag sobre uma extensão imensa: cavalaria e infantaria se apresentavam em linha. Distinguiam-se perfeitamente as bandeiras e os capacetes dos uhlanos, assim como tambem o talhe dos uniformes, mas não a sua côr;



VILA DO CONDE — Fontenario do Claustro de Santa Clara, encimado pelo motivo eucaristico d'uma custodia Manuelina sec. XVI

(Fot. Amador Humberto Lima)

as figuras tambem se distinguiam igualmente não obstante o espesso nevoeiro, que as circumdava.

A infantaria avançava; a cavalaria se precipitava sobre ela; destacam-se da grande massa grupos de cavaleiros para travarem escaramuças parciais. Depois colunas inteiras se precipitaram umas contra as outras batendo-se a ferro frio, retirando e avançando, por meio de manobras diversas. A certa distancia, se viam as divisões de cavalaria firmes em frente umas das outras. A' frente de de cada uma divisão se via um cavaleiro igualmente imovel com a espada pendente da mão. A espada se levanta re-

pentinamente, o cavalo se precipita para a frente com um ardor admiravel, que arrasta toda a divisão.

Com o movimento dos cavalos a neve salta e obscurece o horisonte; as colunas inimigas se envolvem ao mesmo tempo numa indescriptivel confusão, e apresentam uma massa negra e movel, que por fim, faz uma explosão, como se fosse uma mina; depois se desfez em estilhaços; o campo de batalha se apresenta juncado de homens e cavalos. A ilusão era tão perfeita que até se podia ver caírem os cavaleiros dos cavalos abaixo; os combatentes cobriam o chão, como os flocos de neve; viam-se os cavalos abandonados correndo para uma e outra parte.

A multidão dos espectadores, a uma tal vista, deu gritos de susto; as mulheres e crianças correram em tropel para suas casas.

Nesse dia o céu estava sereno, apenas os combatentes é que eram envolvidos por um intenso nevoeiro.

Mas a scena era tão bem representada que até os homens pareciam de tamanho natural.

Os mais entendidos reconheceram nesta aparição uma simples miragem.

Houve até dois curiosos que foram ao centro destas tropas fantasticas, e foram vistos, mas não sem alguma commoção, passarem atravez das massas cerradas, calcando aos pés os cadaveres; porém eles, os curiosos, é que nada viam de tudo isto. Tornando sobre seus passos, tinham diante dos olhos, como antes, o mesmo espectáculo. Este fenomeno durou até o ultimo raio do sol se esconder no horisonte. A' proporção que o sol ia abaixando, as colunas dos combatentes se tornavam mais distinctas. Finalmente a batalha sumiu-se por sobre os cumes das arvores dum bosque visinho, numa obscuridade longinqua.



# A MARAVILHA DE VENEZA



O SÉCULO 17.<sup>o</sup> tão fecundo em grandes genios, como em grandes virtudes, não podia deixar de legar á posteridade algumas celebridades femininas. Falaremos hoje de uma que constitue um dos seus mais belos diamantes; a joven Helena Carnaro, illustre veneziana, descendente das mais nobres familias da Republica, e cujos ascendentes figuram em todas as páginas da história de Veneza; esta donzela foi destinada desde o berço a dar á sua familia ainda outro genero de illustração.

Como era dotada de espirito superior e de não vulgar intelligência, quizeram fazer dela uma mulher sábia, doutora em sciências, e que nada ignorasse em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A modesta joven só desejava uma vida humilde como o seu caracter, simples como o seu coração, e fizeram dela uma maravilha!

Só tinha necessidade de oração e de paz: sobrecarregaram-n'a de penosos estudos. O grego classico, latim, francez, grego vulgar, o hespanhol e o hebreu formaram o periodo de seus primeiros estudos, e de tal modo se excedeu neles que, apropriando-se de tão diversas linguas, as falava e escrevia com correcção e elegancia.

Tambem a filosofia, teologia e todas as sciencias exactas, a occuparam igualmente. Mas, por um extraordinario contraste, o espirito da donzela, que penetrava com admiravel lucidez todos os segredos da sciencia, só com extrema repugnancia, e por obdecer á vontade de seu pai é que se dedicava ao estudo.

Aborrecia a gloria; parecia morrer de confusão e constrangimento, quando sabios e illustres estrangeiros, atraídos pela sua reputação, vinham ouvil-a e admiral-a.

Quando seu pai quiz que fosse recebida como mestra em artes e doutora em filosofia na Universidade de Padua, a sua perturbação não teve limites: lançou-se a seus pés banhada em lágrimas, suplicando-lhe afastasse dela esse calix, e protestando que,

se a submetessem a uma tal prova não lhe sobreviveria muito tempo.

A sua predicção, assim como os seus prantos e soluços, tudo foi inutil contra a inexoravel vaidade de seu pai. A unica graça que obteve foi a de não aparecer na presença do concurso imenso que a festa de Santo Antonio atraía a Padua.

Durante o espaço de tempo, que lhe foi concedido, quiz preparar-se para esse terrivel dia, não como costumam fazer os candidatos ordinários, consultando os sábios



BRAGA — No Bom Jesus do Monte — Capela de S. Pedro

(Fot. de Humberto Lima)

e os livros, mas recorrendo á protecção da Santíssima Virgem, e ao Sacramento da Eucaristia, afim de receber ali todos os sentimentos de humildade e resignação, e um seguro preservativo contra as illusões do amor proprio, e perigosos deslumbramentos da vaidade.

Apesar das mais engenhosas precauções que pôde imaginar a sua modestia, a cidade encheu-se de curiosos dos arredores, principalmente de Veneza, para assistirem a um espectáculo tão novo como extraordinário; e como a grande sala da Universidade estava longe de poder conter no seu recinto tamanha multidão, foi decidido com geral satisfação dos recém-chegados, que Helena Cornaro sustentaria a sua tese na vasta Basilica de Santo Antonio; esta resolução, longe de aumentar a sua preocupação e agonia, pelo contrario a fez experimentar

um grande transporte de alegria. Parecia-lhe que ali estaria mais imediatamente sob a protecção de Deus e de Maria Santíssima, e os corações dos seus ouvintes mais dispostos à indulgência e à piedade.

Na manhã do dia 25 de junho de 1678, o repique dos sinos e o sussurro da multidão, que se aglomerava em frente da sua habitação para a ver sair, lhe anunciaram que o momento fatal se aproximava. Antes de sair poz-se de joelhos, e erguendo ao céu as mãos suplicantes, começou uma oração que continuou e repetiu em todo o tempo que durou o trajecto, sem que os murmúrios aprovadores as aclamações de prazer, que a colhiam na sua passagem, podessem distraí-la um momento da sua ferventíssima prece.

Quando a joven donzela transpoz os umbrais da igreja, esteve a ponto de cair desmaiada: nesse momento ela teve a apreensão de um transtorno momentaneo na sua memoria, e, para acalmar o susto, que tão terrivel ideia lhe fez sentir, arrastou-se tremendo e foi cair ao pé do altar da Virgem, implorando a sua protecção. Ali recuperou toda a sua coragem. Apareceu na tribuna, palida, solene com a fronte cingida de louros; os olhos primeiramente baixos, mas depois elevados para o céu com uma expressão indefinivel de suavidade, de piedade e de dôr! Os espectadores que haviam seguido com a maior atenção os seus menores movimentos, vendo-a assim, tão sublime e tão modesta, tão illustre e tão humilde, comoveram-se até ao ponto de derramar lágrimas!

Bem depressa o enternecimento deu lugar ao entusiasmo, quando viram com que precisão de dialectica, com que arrebatamentos de eloquencia a joven tratou as mais espinhosas questões filosoficas, que lhe foram propostas! Por muitas vezes, suas deduções foram interrompidas por aplausos unanimes, e estas interrupções ligeiras, longe de produzirem nela o mais ligeiro movimento de orgulho, perturbavam-n'a a ponto que foi preciso abreviar a prova, para não prolongar mais o seu doloroso sofrimento.

Reconduziram-n'a a sua casa em triumpho, e os estrangeiros exclamavam absortos: *Se Veneza era a maravilha do mundo, Helena era a maravilha de Veneza.*

Porém, este dia triumphal alterou para sempre a sua saude e deixou-lhe a origem da vida: caiu doente de uma enfermidade de languidez, que a conduziu lentamente ao sepulcro.

Comtudo, no termo da existencia, um relampago de alegria veiu ainda reanimar aquela alma sublime e piedosa, que não

fôra creada para as alegrias da terra, quando soube a vitória que João Sobieski ganhava sobre os turcos ás portas de Viena.

A sua mão moribunda pôde ainda celebrar em frases harmoniosas a gloria do libertador da Cristandade — orou por ele, e invocou em seu auxilio o poder de Maria protectora dos polacos: preocupada sempre desta imagem, nos seus ultimos momentos orava ainda por esta causa santa, julgando ver a Rainha do Céu que lhe estendia os braços... e morreu... assim... docemente arrebatada na sua visão encantadora!...

A pompa terrestre, que tanto havia temido durante a vida, a seguiu ao tumulo; as suas exequias tiveram todo o aparato. Uma pompa triumphal, louros, lirios e lágrimas lhe cobriram o ataúde; todas as vozes repetiam os seus elogios; seu nome foi celebrado e abençoado, e Veneza inteira a chorou como uma das suas glorias.

Helena havia realizado a ideia que seu pai sonhava para ela, mas a morte foi a consequencia desse esforço supremo, desse sacrificio completo das suas mais caras tendencias. Aquela que só desejava a quietação e o silencio, martir da humildade e da obediencia, pagou com o sacrificio da sua vida esse estrondo de gloria, esse vão rumor que, na terra circumdou o seu nome.

---

## BATALHA E FATIMA

---

NOTA — O artigo precedente — *Batalha e Fatima* — foi escrito sob a impressão da peregrinação do mez de Março de 1928, motivo este porque se não refere aos melhoramentos ali feitos já depois dessa data, como a relativamente espaçosa capela aonde actualmente está o Santíssimo, etc.

Houve tambem uma involuntaria inexactidão, referindo-se ao local aonde estava a *azinheira das aparições* — como um pequeno gradeamento *circular* — quando é *quadrado* esse gradeamento que marca precisamente o local bendito.

Se julgarmos o amor unicamente pelos seus efeitos, podemos dizer que ele se assemelha mais ao odio do que à amizade.

*La Rochefoucauld.*



## Em França — As Congregações

### Religiosas

O sr. Raymund Poincaré, presidente do Conselho, ministro das Finanças, incluiu no projecto de orçamento submetido às Camaras dois artigos, números 70 e 71, que tendem: o primeiro a autorisar a devolução a associações cultuais constituídas nos últimos tempos e reconhecidas como legais pelo Conselho de Estado de bens não ainda atribuídos, provenientes dos antigos estabelecimentos publicos do culto católico; o segundo, a permitir a certas congregações missionárias, a instalarem em França a sua séde social, as suas casas de formação, de hospitalização e de retiro e as suas procuradorias nos portos de embarque necessários ao funcionamento das obras fóra do território metropolitano.

Esses dois artigos foram aprovados pela comissão de finanças da Camara numa sessão assás movimentada. O voto foi obtido por maioria. Dos quinze membros da comissão que estavam presentes, 9 votaram a favor e 6 contra.

### O Club do silencio...

Já há bastantes anos foi fundado em Viena de Austria um club deveras original — o Club do Silencio.

Os sócios deste club reúnem-se uma vez por semana, à segunda-feira, para se banquetearem no meio do mais absoluto silencio.

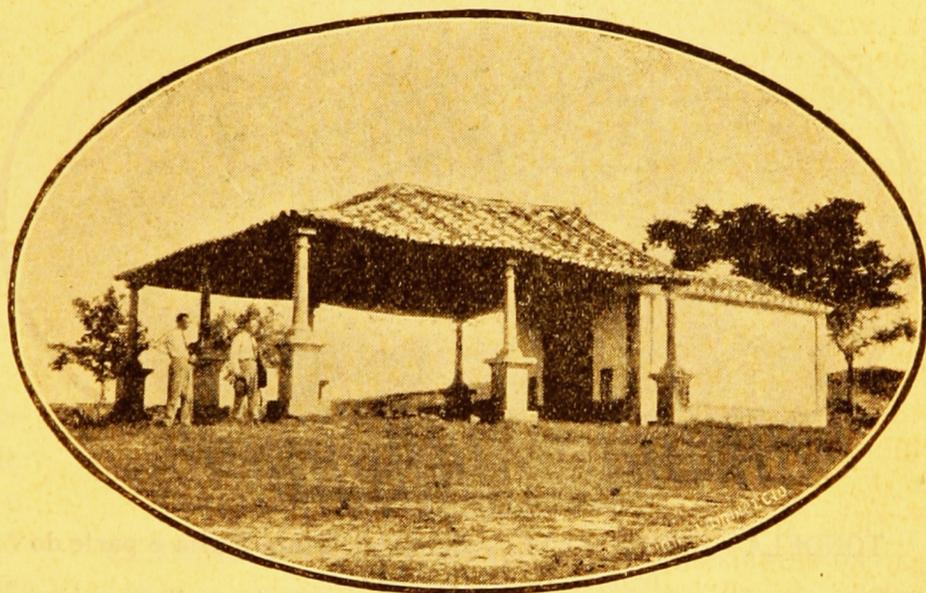
A menor frase ou gargalhada é punida com o pagamento duma garrafa de « champagne ».

Os próprios criados do club, são igualmente, condenados ao silencio.

## Um chapéu de Napoleão foi vendido por 37.500 francos

Pode ser que não seja verdade, mas nós transcrevemos do *Journal* de Paris.

Segundo informa esta gazeta, no passado dia 16 de Maio, foi vendido em leilão, no palacete Dronot, em Paris, um chapéu que pertenceu a Napoleão, que pode ser considerado autentico devido a um certificado de origem passado pelo « maire » de Fontainebleau, e tem marca de Poupard, o histórico chapéleiro de Sua Magestade Imperial.



CELORICO DA BEIRA — Uma Alpendre (Capela do Senhor da Saude)

(Fot. Amador Humberto Lima)

Foi arrematado pela bagatela de 37.500 francos.

### Dois bandidos originais em audacia

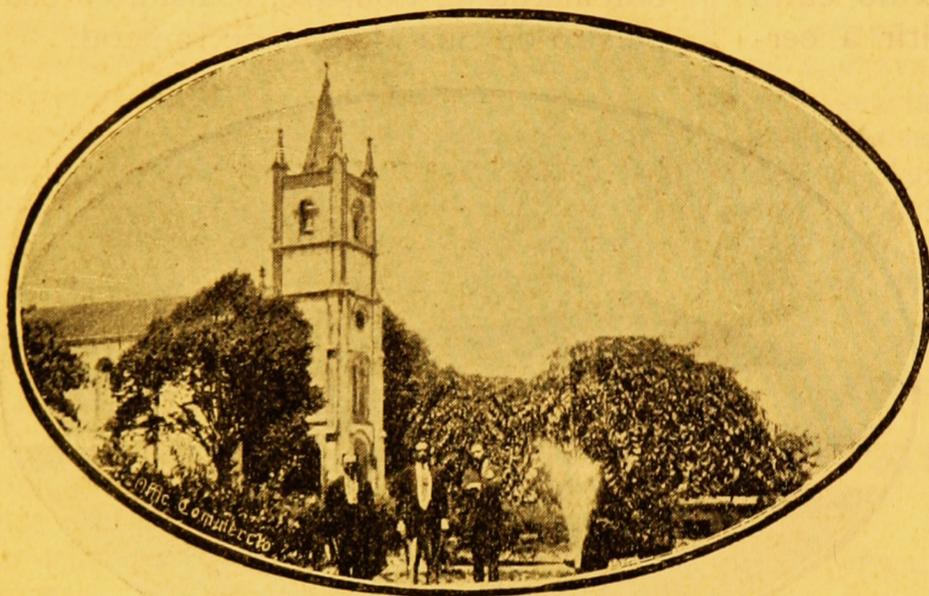
O caso passa-se na Colonia :

Na ocasião em que passavam, à noite, numa rua, dois bandidos de nome Heidgerz, irmãos, que praticaram vários roubos e assassinios, foram reconhecidos por um policia, que imediatamente correu sobre eles, dando o alarme para que acorressem os seus camaradas.

Os policias perseguiram os dois

irmãos, que puxaram das armas de que iam munidos, e, disparando sobre os seus perseguidores, saltaram para um «tramway» em marcha, do qual fizeram descer, com o carro em andamento, o condutor e os passageiros que nele seguiam.

Enquanto um dos bandidos se ocupava em guiar o «tramway», cuja velocidade acelerou, o outro continuava atirando sobre a policia, que por fim conseguiu alcançar o «tramway». Os criminosos, porém, não estavam ainda resolvidos a entregar-se, pelo que, nessa ocasião, saltaram do «tramway», refugiando-se num bosque, que foi cercado por 500 policias.



TONDELA — BEIRA ALTA — Igreja de Santa Maria e parte do jardim publico

(Fot. Amador Humberto Lima)

Esse cerco foi mantido durante toda a noite, e, de manhã, os policias, fortemente equipados, lançaram para o bosque grande numero de bombas lacrimogeneas, que deram em resultado a prisão do mais novo dos dois irmãos. O mais velho conseguiu pôr-se a salvo.

Durante a perseguição dos bandidos, estes mataram 3 policias, tendo sido feridos 2 e 4 transeuntes, gravemente atingidos.

### A arte cristã — Uma exposição universal

Dizem de Paris:

A união dos artistas católicos estrangeiros, a que preside o sr. Inacio

Zuhaga, está organizando uma exposição universal da moderna arte cristã, compreendendo obras de arte de pintura, escultura e arte aplicada.

### Uma grande explosão

Dizem do Rio de Janeiro:

Explodiram no armazem do exercito situado perto de Deodora, 21 toneladas de polvora. A explosão causou grande pánico entre os habitantes das localidades proximas. Não houve desastres pessoais.

### O Catecismo nas escolas

Dizem de Minas Gerais, Brazil:

Os católicos mineiros saudaram o presidente de Minas Gerais, dr. António Carlos, por ter autorizado o ensino do catecismo nas escolas publicas uma vez por semana. A presença dos alunos não é obrigatória, mas o ensino é ministrado dentro das horas regulamentares.

### Na Italia — O fusilamento de Maggiora

Dizem de Roma:

O governo deliberou que seja afixada em todas as comunas do reino a sentença pronunciada pelo tribunal especial para a defeza do Estado contra o comunista Maggiora, que há dias foi fuzilado.



## NEM UM NEM OUTRO

.....

Tratava-se em Roma de mandar um exercito contra Viriato; eram pretendentes do posto de general Sulpício Galva e Aurelio Cotta; e como os votos dos senadores se dividissem no semado, uns por parte de Sulpicio e outros par parte de Aurelio, excluiu Scipião a ambos, dizendo: *Nem um nem outro* convém mandar à Lusitânia, porque um nenhuma cousa tem e ao outro nada lhe basta.

## A cidade submersa

Passastes já por Staforen, Staforen, a cidade abismada nas aguas? Levanta ainda para o ar os palacios com os seus minaretes, e quando, por tempo de bonança, a barca vos levar sobre as vagas transparentes, o remador póde apontar-vos lá no fundo as ruas e praças desertas, ha seculos, porque ha seculos já que o mar, o mar imenso e profundo tudo absorveu.

Em outro tempo ela brilhava no luxo e no orgulho; e numero sem conta de navios partiam sem cessar do seu porto para demandarem na volta, carregados com os tesouros do mundo. Aturdidos então pelas riquezas, os seus filhos, cuja soberba aumentava com a abundancia, esquecida a caridade, em breve tiveram por Deus só o dinheiro: que vendo-os, dir-se-hia que para abrir o céu uma chave de ouro seria bastante.

Assim, quando a medida se encheu, homens e tesouros, tudo o oceano afundou nas ondas vingadoras.

Comtudo, entre os ricos soberbos, uma mulher houve, que os excedia a todos na opulencia e no orgulho; e a riqueza dela só na extensão da sua crueldade acharia comparo. Um dia mandou chamar um dos capitães, e disse-lhe:

— Embarca no maior dos meus navios, leva quanto dinheiro precisés; mas não voltes a Staforen sem uma carga completa de quanto a terra tem de mais preço e valor. Tens um ano para a viagem.

O capitão era velho e prudente; respondeu pois:

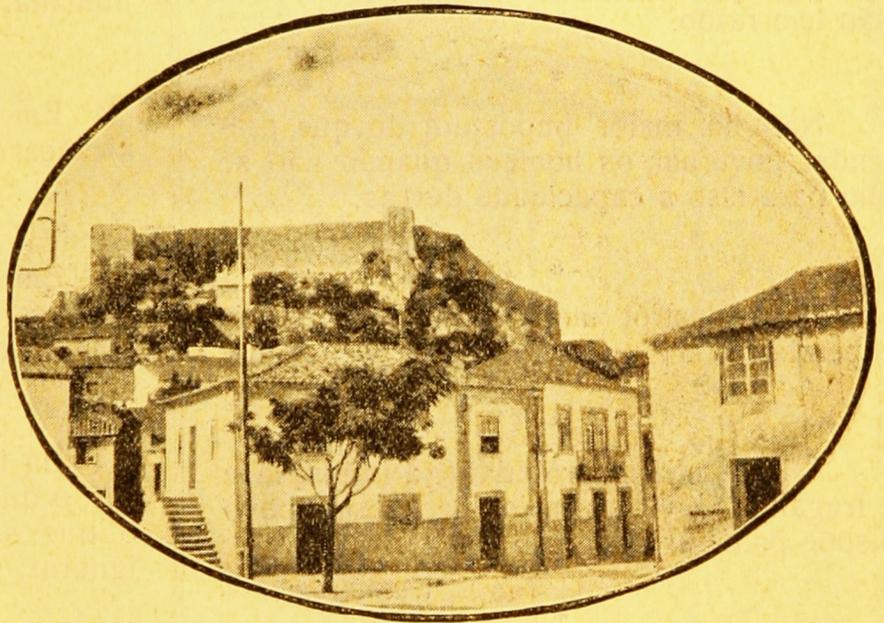
— A terra é fertil em quantos tesouros há; dizei-me pois quais são para vós os de mais preço e valor, afim que a vossa vontade seja em tudo satisfeita.

— Uma vez que tanto aplaudem a tua sciencia, não acho necessario dizer-t'ó. Quem goza a honra de me servir, deve perceber-me a um sinal apenas. Embarca pois, ou teme a minha colera.

O velho partiu cheio de anciedade. Que lhe trarei? ia-se ele perguntando, balouçado nas aguas. A qual hei de preferir, as barras de prata e ouro, os tecidos de cachemira, o ambar ou as perolas? Bem meditado, ele afinal concluiu: que ha de mais preço e valor que o trigo? Se é o alimento indispensavel do homem? nem ha rico nem pobre que o dispense.

Endireitou para Dantzig, e chegado ao porto carregou o navio de um formoso trigo de Polonia, tão formoso como havia muito se não via. Ao fim de alguns mezes estava de volta, e apressou-se a apresentar-se á dona do navio.

— Depressa! disse ela maravilhada, e



CELORICO DA BEIRA — Parte da vila e no Alto o Castelo (hoje monumento nacional)

(Fot. Amador Humberto Lima)

medindo-o altiva dos pés até á cabeça. Que trouxeste pois?

— A mais rica cargação de trigo, respondeu timido o velho.

— Uma cargação de trigo! sem duvida que me não falas serio. Uns grãos, uns grãosinhos, bons o muito para semear. Com certeza me não desobedeceste a tal ponto.

— Querieis quanto a terra produz de mais preço e valor: que ha de mais valor e preço que o trigo, se ele serve para fazer o pão, que o homem todos os dias pede a Deus lhe conceda?

— Ah! como é assim, tu vais ver o caso que eu faço dele. Porque lado foi o navio carregado com esta mercadoria vergonhosa?

(Continua).

# ANECDOTAS HISTORICAS

A ignorancia é a noite do espirito, noite sem lua e sem estrelas.

*Cicero.*

\*

O patriotismo, para ser verdadeiramente uma virtude moderna, cumpre obedecer ao sentimento da patria e ao da humanidade.

*Barni.*

\*

O amor da patria começa na familia.

*Bacon.*

\*

As injurias são as razões daqueles que não tem razão.

*J. J. Rousseau.*

\*

Não há maior impostura do que pretender governar os homens quando não se tem para isso a capacidade devida.

*Xenophonte.*

\*

Nada destrói mais completamente as superstições do que uma instrução sólida.

*Fénelon.*

\*

A harmonia, a probidade, a industria e a frugalidade, eis os meios de que um povo dispõe para ser poderoso e feliz.

*Washington.*

\*

A alma tem illusões como o passaro tem azas; são elas que a sustentam.

*Victor Hugo.*

\*

A virtude é o bom emprego do livre arbitrio.

*S. Agostinho.*

\*

O merecimento do homem sempre se reconhece pelo merito daqueles que ele frequenta.

*Lord Collingwood.*

\*

Fazei o bem, sem que nenhum motivo de interesse pessoal a isso vos incite.

*Confucio.*

\*

A vida do homem divide-se em duas fases muito distintas: os trinta e cinco primeiros anos são dedicados à experiencia; os outros, às recordações.

*Dumas, Fils.*

\*

O mais admirável medico é a natureza, pois cura as tres quartas partes das moléstias e nunca fala mal dos seus confrades.

*V. Cherbuliez.*

\*

São as rugas dos outros que nos mostram que envelhecemos.

*Balzac.*

\*

O amor próprio é o maior de todos os lisonjeiros.

*La Rochefoucauld.*

\*

A liberdade é o ar respiravel da alma humana.

*Victor Hugo.*

\*

Em literatura, o meio mais simples de alcançar o exito é ser dotado de génio.

*Balzac.*

\*

Em todo o bloco de marmore há uma estátua: trata-se de a libertar do que ella tem em excesso.

*Alphonse Karr.*

\*

Há tres espécies de ignorancia: não saber o que deveriamos conhecer; saber mal o que sabemos; saber o que nos cumpria ignorar.

*La Rochefoucauld.*

\*

Louvar sempre moderadamente é um manifesto sinal de inferioridade.

*Leibnitz.*

\*

No amor, a unica victória é a fuga.

*Napoleão.*

## LIVROS RECEBIDOS

Recebemos o excelente Almanaque de Santo António para 1929. Entra no 31.º ano da sua publicação.

E' um livro apreciado, e, no seu genero, o primeiro que se publica em Portugal.

E' um almanaque util a todas as familias cristãs. Contém varias informações aproveitaveis, e a parte literaria é variada e interessantissima.

Agradecemos a amabilidade da oferta. O seu custo é de 3\$50 em brochura, e de 5\$00 cartonado.